

paulo resende, um libertário heterodoxo

edson passetti

O sempre dura para sempre enquanto existir a vida biológica entre duas pessoas que se admiram. Pelo menos a vida em um. Se o outro morre, há um para sempre que permanece como as memórias que marcaram, palavras e gestos que se tornam nossos, e as lembranças em objetos compartilhados. Para muitos, o sempre é metafísico. Não se trata disso, mas do produto físico, da microfísica dos poderes, das soberanias e de todas as suas imediatas resistências nesta ética de amigos que estabelecemos.

Paulo Resende e eu nos conhecemos em sala de aula, como professor e estudante, um professor rigoroso, jamais sisudo, palmeirense, que fazia citações e observações em latim e nos presenteava com as expressões latinas. Éramos poucos estudantes na sala de aula naquele ano experimental do curso de Ciências Sociais na PUC-SP, turma de 1971.

Edson Passetti é professor Livre Docente no Depto. de Ciências Sociais e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais PUC-SP onde coordena o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária). Contato: edson.passetti@uol.com.br

paulo resende, um libertário heterodoxo

E rola na rampa — antes de ser uma coluna conhecida no boletim da Apropuc, que Paulo colaborou para fundar —, muitas grandes-pequenas coisas sobre Paulo: que fora padre no Vaticano e locutor da rádio de lá; nadador; dentista; operário na Alemanha; andarilho na África; pároco na capela da PUC-SP onde realizava missas revisitadas, sendo muito respeitado pelo povo do bairro e além bairro; que era de esquerda e contundente... E era mesmo. Foi o principal intelectual a situar o deslocamento de D. Paulo Evaristo Arns de apoio à ditadura civil-militar para a luta incansável pelo fim da mesma e por uma interpretação elástica e generosa de direitos humanos que excedia o documento das Nações Unidas.

O Paulo Resende, o Prof. Dr. Paulo-Edgar de Almeida Resende foi múltiplo na PUC-SP: coordenador do curso de Relações Internacionais, diretor do Centro de Humanas, chefe do Departamento de Política, fundador do NACI – Núcleo de Análise de Conjuntura Internacional e vice-Reitor Comunitário. Como diretor da Faculdade de Ciências Sociais, enfrentou as forças repressivas do Estado quando da invasão da PUC-SP, em defesa dos estudantes, professores e funcionários, aqui e nos *escritórios* da direita, esclarecida ou não, em 1977.

Foi coordenador do curso de Relações Internacionais, que ajudou a estruturar pelo alto junto à reitoria como vice-reitor comunitário, nas andanças pelos demais cursos da universidade, com sua presença na comissão que estruturou o curso formada por Vera Chaia, Lucio Flávio R. de Almeida e Edison Nunes. Desde há muito, havia no curso de Ciências Sociais a disciplina de Política Internacional que veio lá de trás com Vicente Marota Rangel e depois com Guido Soares. Quando Guido decidiu ficar no

Direito da USP, chegou o imprescindível Tullo Viggevani. Mas um dia, num vernissage de objetos de artesãs familiares, eu e Dodi (Dorothea Voegeli Passetti) demos com Guido. Curiosamente, ambos estávamos ali para apoiar parentes. Eu começara minha experimentação na direção da Faculdade de Ciências Sociais junto com Lúcia Helena Rangel; estávamos em busca de um curso que não fosse deficitário para a faculdade e, ao mesmo tempo, colaborasse para que nossos demais cursos permanecessem, mesmo com acentuada redução de procura. Estávamos na era da queda do Muro de Berlim, dos esboços de Mercosul, que apareceria em 1991, do Tratado de Maastricht no ano seguinte para formalizar Europa federativa... Enfim, Guido Soares sugeriu um curso de Relações Internacionais, o que considerava inviável na USP daquela ocasião. Eu só sabia do curso da UnB e ele me confirmou. Voltei, conversei com Lu Rangel, apresentamos no Conselho Departamental e fomos derrotados.

Paulo, imediatamente, disse não à derrota inicial. E começaram suas andanças por cursos, pela reitoria, conversando com meio mundo de dentro e de fora da universidade. Até que, ao seu modo, um belo dia, pelo sim ou pelo não, comunicou ao Conselho da Faculdade que se nós não criássemos o curso de Relações Internacionais, o Departamento de Economia o faria. Venceu na hora. Assim, com a perspectiva de instituir um curso diferente em relação ao conhecido, com base nos saberes das Ciências Sociais, Direito, Economia e Serviço Social, começou e terminou a preparação do curso para seu primeiro vestibular em 1995.

Desde o primeiro ano um número imenso de candidatos ocorreu. Estávamos certos, este era o curso para aquele

paulo resende, um libertário heterodoxo

momento da história de um planeta em que *alguma coisa estava fora da ordem*. Paulo organizou a viagem dos alunos da primeira turma para a Polônia onde ele assinaria, juntamente com a presidente da Pós-Graduação, Ursula Margarida Karch, os protocolos com a Universidade de Varsóvia e com a Universidade de Moscou. Paulo abria o curso de Relações Internacionais para estudantes trilhare o planeta. Quando ele deixou a coordenação, o curso estava solidificado, era referência e copiado por vários outros de muitas universidades pelo país. Depois vieram as reformas para o curso, como sempre revestidas de trapças, para se ajustar à ordem, ou seja, se assemelhar aos demais. Virou mais um... desde que renunciou a uma inventiva diferença, em favor de uma pragmática similitude. O que estava fora da ordem, agora estava ordenado e normalizado como conservadorismo moderado.

Paulo foi presença marcante em todos os exercícios acadêmico-administrativos ou de pesquisa. Mas eu gostaria de falar dele, um pouco mais, a partir de nossa relação. É sobre o Departamento de Política e do que ele fez para minha formação e do que compusemos juntos. Paulo reparou em mim quando foi meu professor e me incentivou a estudar mais e mais a América Latina. Ele pressentiu o que eu sempre fui, um cara da América do Sul. Reparou no meu jeito para preparar e expor seminários. Quando, um ano após concluir o curso, ele me convidou para um concurso público de substituição a um professor que se encontrava no exterior e que ocorreria no Departamento de Política. Eu e uma colega fomos os aprovados. No final daquele ano, com o retorno do professor que se encontrava fora, Paulo Resende me convidou para dar um curso de extensão em política no antigo COGEAE, nas manhãs

de sábados. Era muito salutar montar o programa com ele que compreendia a importância de trazer Michel Foucault para a área de política. E assim o fizemos, até que me convidou para dividir aulas com ele no Curso de Ciências Sociais na Faculdade N. Sra. Medianeira, que era, graças a ele, uma sucursal de excelência da PUC-SP. Bem, em 1982, voltei para o Departamento de Política, continuei no COGEAE, na Medianeira, com Foucault na mochila, com dois filhos e muito próximo de Paulo Resende.

Um dia, Paulo Resende, o pensador nômade, como bem o designou e registrou seu filho Paulo-Edgar da Rocha Resende no título do livro da coleção Sapiëntia, Grandes Mestres da PUC-SP (2016), propôs montarmos juntos o volume *Proudhon* para a Coleção Grandes Cientistas Sociais, coordenada por Florestan Fernandes, nosso colega de Departamento e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Proudhon era imenso e permanece intenso. Foram dois anos de pesquisa, leitura dos livros, textos, comentaristas, estudiosos, cuidados com a tradução... Chegamos ao Proudhon-político para contemplar as exigências formais da coleção. Éramos os dois realizando a escrita anarquista, dissolvendo as autorias, um jeito de fazer diferente do século XIX e da tradição das Ciências Sociais. Depois deste acontecimento em minha vida, mesmo redigindo artigos e alguns livros individuais, minha concentração se deslocou para a escrita coletiva, o trabalho de pesquisa em núcleo para estabelecer o *entre* como situou o filósofo Gilles Deleuze em que não nos dissolvemos, nem formamos uma identidade, mas apenas sublinhamos as singularidades.

O ano era 1978, provavelmente final de novembro, uma sexta-feira, talvez. Paulo me conta na *rampa* que irá a um

paulo resende, um libertário heterodoxo

baile de formatura dos alunos da Faculdade Santana, onde também lecionava. Segunda-feira, na *rampa*, início da tarde, Paulo me diz que está apaixonado por uma mulher negra incrível que conheceu no baile, que se casará com ela e, se preciso, ficará noivo. Alegres, fomos comemorar com um sorridente cafezinho. Este homem maduro declarava ter encontrado seu grande amor, sua paixão chamada Vera. Dito e feito, em janeiro, com Lana Bittencourt cantando “Viagem” de João de Aquino e Paulo César Pinheiro, no coro da Capela da PUC-SP, eles se casaram. No final do mesmo ano nasceu Carolina e logo em seguida Paulo-Edgar. Este formidável homem e intelectual, nascido em 1933, aos 46 anos estreava como pai de Carolina.

Desde os pulsares antecedentes ao aparecimento do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais), em 1997, Paulo esteve conosco, seja no Conselho Consultivo da revista *verve* desde o número 1, publicando e incentivando a prática abolicionista do castigo. Ele foi um dos inesquecíveis palestrantes em *Outros 500. Pensamento libertário internacional*, que realizamos no TUCA, em 1992, em parceria com o Centro de Cultura Social e a Editora Imaginário. Com o seu jeito simples-sofisticado, em entrevista para a série *ágora, agora* que realizamos para a TVPUC, na primeira década deste século, citou uma precisidade de Proudhon: “É preciso estar atento à malícia de cada dia”.

Paulo Resende gostava de juntar colegas em sua casa com Vera para nos oferecer deliciosos churrascos e conversas. Aos estudantes, aulas inesquecíveis. Aos colegas da universidade a sinceridade, a honestidade e ombridade no exercício temporário de um cargo. Estamos falando de

um homem público em breves particularidades. Afinal, a distinção público-privado é apenas um artifício da dominação. Ninguém é isto ou aquilo, mas isto e aquilo. Com Paulo Resende se aprende a ser discreto, a ouvir, a estar junto na diferença. E como é importante nos momentos difíceis de nossa existência ter um amigo como Paulo Resende.

Um dia em 2011, não foi de repente, mas como se fosse, ele morreu. Passou a última noite de despedidas no TUCARENA. Ficou em minhas memórias, gestos, palavras e lembranças para sempre, com uma taça de vinho. Saúde!

Paulo Resende, a heterodox libertarian, Edson Passetti.